

OS PROFESSORES E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE MEIO AMBIENTE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: um estudo na Escola NUPERAJO – Joaçaba

Gedalva Terezinha Ribeiro Filipini ¹
Joviles Vítório Trevisol ²

RESUMO

Recentemente, o município de Joaçaba converteu uma extensa área de floresta nativa num parque. No interior do Parque Natural Municipal do Vale Rio do Peixe há uma escola, chamada NUPERAJO, que atende alunos residentes nas comunidades do interior do município e dos arredores da cidade. Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado desenvolvida entre dezembro de 2005 a dezembro de 2006, envolvendo todos os professores da escola, cujo propósito fundamental foi compreender as percepções dos educadores sobre meio ambiente e educação ambiental. De modo mais específico, pretendeu-se: (a) Investigar as representações sociais dos professores sobre educação ambiental, visando aferir qual a importância que os mesmos conferem ao tema; (b) Conhecer o que os professores já fazem em matéria de educação ambiental na escola e identificar as principais dificuldades encontradas nesses fazeres. A pesquisa teve duas importantes etapas. A primeira foi um estudo de representações sociais sobre meio ambiente. A segunda foi o desenvolvimento de uma experiência de pesquisa-ação com todos os professores da escola. O presente trabalho apresenta os resultados da primeira etapa. Para o levantamento dos dados do estudo sobre as representações sociais foi empregado um extenso questionário, com questões abertas e fechadas. Entre os resultados, cabe destacar os seguintes: os professores destacaram a ausência da dimensão ambiental em seus processos de formação. 40% deles afirmaram que o conhecimento que dispõem sobre o tema foi obtido por meio de cursos de curta duração. Afirmaram também que o envolvimento em atividades de educação ambiental na escola ocorre de forma muito esporádica. Perguntados sobre as temáticas ambientais a partir das quais desenvolvem educação ambiental, 73% responderam água e 67% lixo. Evidenciou-se um flagrante desconhecimento dos documentos que definem as diretrizes da educação ambiental, e que o conhecimento destes não representa seu uso efetivo no processo educativo. Os documentos mais conhecidos são os PCNs (74%), a Proposta Curricular de Santa Catarina (53%), e a Agenda 21 (47%), porém seu uso não ultrapassa 33%. Evidencia-se o predomínio da visão antropocêntrica e a ausência de compromisso sócio-político, com 42% das indicações. Sem laços de pertencimento e responsabilidade para com o ambiente, a natureza é apreciada pela sua beleza e utilidade. Apenas 7% dos informantes indicam uma visão de compreensão das relações de interdependência e complexidade.

Palavras-chave: Educação ambiental, representações sociais, formação de professores

¹ - Licenciada em História e Geografia, Psicopedagoga, Mestranda em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Joaçaba. Graduanda em Engenharia Ambiental pela Universidade do Contestado.

² - Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pós-Doutor pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Docente-pesquisador do Programa de Mestrado em Educação da UNOESC – Joaçaba. e-mail: joviles.trevisol@unoesc.edu.br

ABSTRACT

THE TEACHERS AND THEIR SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT ENVIRONMENT AND ENVIRONMENTAL EDUCATION:

a study at NUPERAJO school – Joaçaba

Recently, the city of Joaçaba converted an extensive area of native forest into a park. In the interior of the Parque Natural Municipal do Rio do Peixe there is a school, called NUPERAJO, that takes care of the resident students in the communities and in the outskirts of the city. This work presents part of the results of a master's research developed from December 2005 to December 2006, involving all the teachers of the school, whose basic intention was to understand the perceptions of the educators about environment and environmental education. In more specific way, it was intended: (a) To investigate the social representations of the teachers about environmental education, aiming to survey which the importance that the same ones confer to the subject; (b) To know what the teachers have already made about environmental education in this school and to identify the main difficulties they have found. The research had two important stages. The first one was a study of social representations about the environment. The second one was the development of an experience of research-action with all the teachers of the school. The present work introduces the results of the first stage. To reach the data of the study about social representations an extensive questionnaire was used, with open and closed questions. From the results, it fits to detach the following ones: the teachers mentioned the absence of the environmental dimension in their processes of formation. 40% of them affirmed that the knowledge they make use on the subject was gotten from short time courses. They also affirmed that the engagement in activities of environmental education at school occurs very sporadically. When the teachers were asked about the environmental themes from which they develop environmental education, 73% answered water and 67% garbage. It became visible the teachers don't know the documents that define the rules for environmental education and that the knowledge of these doesn't represent their effective use in the educative process. The documents the teachers have more information about are the PCNs (74%), the Curricular Proposition of Santa Catarina State (53%) and the Agenda 21 (47%), however their use do not exceed 33%. An anthropocentric vision and the absence of social political commitment became evident with 42% of the indications. With no bonds of belonging and responsibility with the environment, the nature is appreciated just by its beauty and utility. Only 7% of the informers show a vision of understanding about the relations of interdependence and complexity.

Key words: Environmental education, social representations, teachers formation

INTRODUÇÃO

Em Joaçaba, no Meio-Oeste catarinense, há uma área de conservação com relevante fragmento de Araucárias, onde o Parque Natural Municipal do Vale do Rio do Peixe foi instalado em maio de 1986, com o objetivo de conservar a fauna e a flora aí existentes, proporcionar o desenvolvimento de pesquisas e educação ambiental. Oficializado pela Lei 2.800, de 11 de abril de 2002, é constituído por um imóvel de aproximadamente 300 hectares em zona de transição entre a Floresta Ombrófila Mista e a Floresta Estacional Decidual, integrando o bioma da Mata Atlântica (RAIMUNDO, 2003).

Tendo em vista a importância do Parque, decidimos desenvolver nossa pesquisa junto aos professores que trabalham na escola situada no seu interior, com o propósito de conhecer suas representações sobre o meio ambiente, identificar o conhecimento que têm do Parque, e a importância que conferem a este no processo educativo. O Parque é composto por importante fragmento da Mata de Araucárias, espécie essa em risco de extinção, e apresenta-se praticamente desconhecido, inclusive aos professores que trabalham na escola instalada no seu interior.

Na perspectiva de sensibilizar a comunidade escolar e ampliar o nível de percepção ambiental do grupo para a importância desse importante Patrimônio Natural, buscamos identificar suas representações sociais por meio da aplicação de um extenso questionário. Algumas questões orientaram nossa pesquisa: (i) Como os professores da Escola NUPERAJO concebem a educação ambiental e que importância conferem a ela? (ii) Que dificuldades cercam o cotidiano dos professores na escola, limitando o desenvolvimento da educação ambiental de forma mais contínua e eficaz? (iii) Quais são as principais carências apontadas pelos professores no que diz respeito a sua formação, que justificam e tornam relevante um projeto de formação de educadores ambientais?

A pesquisa foi realizada com os 24 professores do Núcleo Pedagógico Rural de Joaçaba – NUPERAJO, utilizando-se um questionário com questões abertas e fechadas, dividido em três blocos assim definidos: i) identificação e formação; ii) atuação ou prática profissional; iii) percepção, representações e conhecimentos sobre a dimensão ambiental.

O questionário foi entregue aos professores em reunião na escola, no início de dezembro de 2005, onde os procedimentos da pesquisa foram expostos, definindo-se um período de duas semanas para que os questionários fossem devolvidos via correio, em envelope sobressalente

selado para esse fim. Seguiram-se então os procedimentos de análise desses dados, com vistas a elaborar uma proposta de Formação Educadores Ambientais.

A proposta metodológica escolhida para a formação dos professores foi a Pesquisa-Ação que propõe “implicar” sobre uma realidade diagnosticada, com o objetivo de transformá-la e produzir conhecimentos relativos a essas transformações (BARBIER, 2002). Constitui um caminho metodológico que possibilita atender a essa expectativa de forma dinâmica e participativa, em conformidade com os princípios da EA.

Consideramos como sendo diagnóstico neste caso, o conhecimento de um conjunto de informações obtidas através de visitas à escola, de conversas com seus dirigentes e com os professores, de observações, e da análise do questionário aplicado aos professores. E, como implicação, ao sistema de valores que indicam envolvimento do pesquisador(a) interagindo com a comunidade escolar, condição essa indispensável e sem a qual não poderia haver o diálogo e o conseqüente comprometimento.

A Pesquisa-Ação pertence por excelência à categoria da formação, no sentido do desenvolvimento do potencial humano. Pressupõe que os pesquisadores docentes percebam o processo educativo como um objeto passível de pesquisa, assim como a natureza social e as conseqüências da mudança proposta. Define-se por uma situação precisa, concernente a um lugar, a práticas, a valores sociais e a esperança de uma mudança possível. Sua função é articular a pesquisa e a ação num vaivém entre a elaboração intelectual e o trabalho de campo, neste caso, com os professores, e destes com seus alunos, onde os pesquisadores fazem parte dela com suas respectivas especializações (THIOLLENT, 1988).

1- OS PROFESSORES: PERFIL E REPRESENTAÇÕES

Dos 24 questionários encaminhados aos professores, 15 retornaram, ou seja, 62% do total enviado. Dos professores que responderam ao questionário, 87% possui curso superior completo e os outros 13% cursam graduação. Do grupo já graduado, 40% possuem especialização.

Quanto à participação em cursos de capacitação para a Educação Ambiental, obteve-se que apenas 40% dos professores já participaram de capacitação na modalidade “curta duração”.

Ao se perguntar qual a formação em Educação Ambiental que tiveram durante o Ensino Médio e a Graduação, 60% dos professores afirmaram não ter tido nenhuma formação nesse

período, 14% não respondeu a essa questão e 13% afirma ter tido alguma formação na especialização e no bacharelado de Biologia, caracterizando a idéia ainda predominante de que a Educação Ambiental (EA) é assunto para algumas disciplinas consideradas afins. Salientam ainda que a EA esteve ausente nas “aulas normais” durante seu processo de formação.

As representações sociais são produzidas no cotidiano das pessoas e têm como uma das suas funções fazer a interação entre os indivíduos, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais. São expressões dos pensamentos dos indivíduos na interface do grupo social. Para elaborar a representação de determinado objeto do conhecimento, antes o sujeito precisa ter contato com esse objeto. Segundo Moscovici (1978) “ toda representação é de algo ou de alguma coisa”, cujas características vão se manifestar demonstrando uma relação de simbolização e de interpretação que lhe confere significações (MOSCOVICI, 1978, p.64-65).

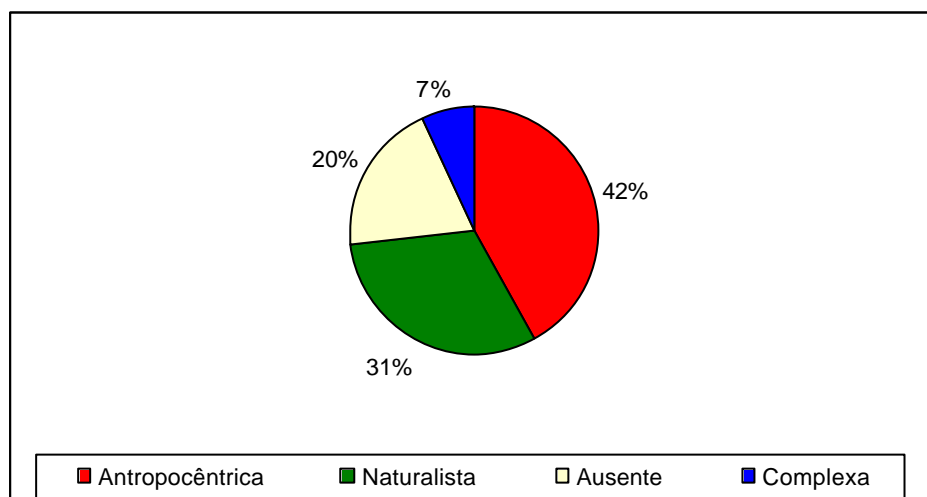
As Representações Sociais têm importante papel na formação das condutas, determinando o campo das comunicações mediada pela linguagem. “É preciso que o sujeito tenha informações e conhecimentos organizados sobre o objeto social a ser representado. A partir daí, ele expressa seus pensamentos por meio de opiniões e atitudes, criando uma imagem ou campo de representações desse objeto, ou seja, faz com que se torne real um esquema-conceitual, dando origem ao objeto e focalizando uma orientação em relação a este (MOSCOVICI, 1978).

1.1- As representações dos professores sobre o meio ambiente

Convidados a identificar a melhor definição (três palavras) para “Meio Ambiente”, observou-se uma forte predominância de citações (42%) que indicam uma visão antropocêntrica. Neste caso, o ser humano é o centro de interesses, e tudo o que existe está à disposição das suas necessidades e desejos, cabendo-lhe, dispor dos recursos naturais para garantir uma melhor condição de vida, o que indica por sua vez, uma postura individualista, e a ausência de compromisso sócio-político. Com 31% das indicações tivemos a visão naturalista, que separa o ser humano do ambiente, colocando-o como um observador passivo, sem laços de pertencimento e responsabilidade. Neste caso, a natureza deve ser apreciada pela beleza cênica, demonstrando certa dose de religiosidade e romantismo, porém, deve ser preservada, por ser provedora de recursos sobre os quais temos o direito de uso. As abstenções em responder a essa questão representaram 20% dos participantes, sendo classificados neste caso numa categoria que

denominou-se “ausentes”. A visão complexa está presente em 7% das respostas, evidenciando a compreensão das relações de interdependência, responsabilidade e pertencimento.

Figura 1: Representações dos professores sobre o meio ambiente³



O predomínio da visão antropocêntrica, tanto ignora as ações humanas que degradam e desequilibram os sistemas vivos, como apontam para um individualismo e não-responsabilidade em relação a crescente degradação dos recursos naturais, e dos problemas daí advindos. Os problemas ambientais parecem não afetar a “pseudonormalidade” da vida no planeta, seja pela ausência de conhecimentos sobre esses assuntos, ou pela falta de percepção das inter-relações destes com o ambiente de vida comum. Essas representações parecem indicar distorções de natureza epistemológica na leitura do mundo (GUERRA e TAGLIEBER, 2002) e são coerentes com uma concepção fragmentada de aprendizagem.

A grande maioria dos professores (87%), aprova que a EA seja inserida na forma interdisciplinar, ou seja, tem-se um forte indicativo de que a EA ainda não é presente no processo educativo, pelo menos não efetivamente. Considera-se importante aprofundar a compreensão sobre como a inserção da educação ambiental no processo educativo deve acontecer, assim como articular sua presença efetiva no projeto político pedagógico, nos conteúdos e nos valores que

³ Tabela elaborada a partir de modelo sugerido por Sauv e et al. (2000), In: SATO, M. Apaixonadamente pesquisadora em EA. In: Pesquisas em Educa o Ambiental – tend ncias e perspectivas. Rio Claro: UNESP, 2001, e Reigota (1995), adaptada para esta pesquisa.

permeiam as diferentes disciplinas, de forma a impregnar-se no dia-a-dia da escola e da vida das pessoas. Construir alternativas de formação e aperfeiçoar estratégias e possibilidades coerentes com essa proposta constitui um dos grandes desafios da educação atual.

Perguntados sobre a importância de se trabalhar a EA na escola, observou-se posicionamentos bastante favoráveis, demonstradas em alguns depoimentos:

“Apesar de ser muito lenta a mudança de hábitos, não fazer nada seria pior” (informante 02);

“Já é trabalhada pouco [...] e se queremos alguma mudança ou diminuição da degradação, nós educadores e educandos devemos mudar de pensamentos” (informante 06)

“Penso que a educação seja a única maneira de formar gerações capazes de conceber o desenvolvimento sustentável” (informante 10);

“A EA deve ser trabalhada na escola, na universidade, etc. Fazemos parte do meio ambiente e ele necessita de cuidados diariamente, sensibilizar as pessoas é uma boa” (informante 15).

Quanto à existência de problemas ambientais em Joaçaba e na região da AMMOC (Associação dos Municípios do Meio Oeste Catarinense), tivemos um total de 58 indicações, considerando-se que a questão era aberta e podia-se identificar mais de um problema.

Tabela 1: Problemas ambientais de Joaçaba e região da AMMOC

Problemas	citações	%
Água (poluição de rios e lençóis freáticos, esgotos, agrotóxicos e desperdício)	23	40
Poluição do Ar (por veículos e indústrias)	11	19
Desmatamento (reflorestamento homogêneo = desertos verdes)	9	15
Lixo (destinação inadequada)	7	12
Solo (contaminação por dejetos de suínos e agro-químicos)	6	10
Saneamento básico	1	2
Energia elétrica (desperdício ou uso irracional)	1	2
TOTAL DE CITAÇÕES	58	100%

A água e o ar constituem os mais importantes problemas ambientais da região, como observa-se em alguns depoimentos:

“Perfurações de poços artesianos sem limite e esgotos jogados a céu aberto ou em rios” (inf. 03)

“Poluição por lixo no Rio do Peixe, cada vez mais cheio de entulhos e, por fim a poluição do ar pela quantidade de automóveis que circulam”.(informante 14)

“Acho que têm muitos, mas, o mais visível e preocupante, sem dúvida, é com a água (o rio), que recebe muito lixo e esgoto” (informante 07)

Perguntados quanto à capacidade de resolver os problemas ambientais da região, em questão em que são relacionados órgãos e entidades ligadas à gestão e/ou solução desses problemas, numa questão fechada com três possibilidades de resposta, tivemos demonstrações de ausência de crédito e desesperança, como podemos observar na Tabela 2:

Tabela 2: Quanto à eficiência em resolver os problemas ambientais da região

INSTITUIÇÃO	Acredito Muito	Acredito Pouco	Não Acredito
	%	%	%
Prefeitura Municipal	7	73	20
Governo Estadual	7	86	7
Governo Federal	13	74	13
Órgão Ambiental – IBAMA	80	20	-
Órgão Ambiental – FATMA	73	27	-
Polícia Ambiental	73	27	-
Entidades Ecológicas da Região	13	80	7
Universidade – UNOESC / UnC	73	27	-
Empresários	-	67	33
Meios de Comunicação	73	20	7
Poder Legislativo – Vereadores	13	40	47
Organizações Comunitárias	33	53	14

Voluntários e Ambientalistas	87	13	-
------------------------------	----	----	---

Solicitados a relacionar as entidades eficientes no trato ambiental, temos um índice de 60% que absteve-se de responder, 27% afirmou não conhecer nenhuma, e justificam suas respostas apontando a morosidade e a falta de credibilidade nas mesmas.

Sobre os documentos que definem as diretrizes da educação ambiental, observa-se um flagrante desconhecimento, acompanhado de baixos índices de uso daqueles já conhecidos. Observa-se também, que o conhecimento dos documentos não representa seu uso efetivo no processo educativo.

Tabela 3: Conhecimento dos principais documentos referentes à Educação Ambiental

NOMES	Não Conheço %	Conheço %	Uso com frequência %
1)Declaração de Tbilisi	73	20	-
2)Declaração de Estocolmo	67	27	-
3)Agenda 21	40	47	13
4)PCNs : Meio Ambiente na Escola	13	74	33
5)Proposta Curricular de Santa Catarina	20	53	33
6)Lei Federal nº 9.795/99 – PNEA	53	40	--
7)Carta da Terra	60	26	7

Qual a leitura que se pode fazer diante dessa realidade, confrontando-se com recente levantamento nacional (INEP, 2002) que atribui índices superiores a 90% de escolas já desenvolvendo ações de EA? Quais seriam essas ações? Quais critérios as orientam? São efetivamente ações educativas ou expressam apenas o desejo dos docentes em realizá-las?

Solicitados a tomarem como referência os colegas professores que atuam na sua escola, sobre suas preocupações com a problemática ambiental, 40% dos professores afirmaram que nem todos estão preocupados, 27% afirmaram que há preocupação, e 13% abstiveram-se de responder. Alguns depoimentos demonstram um pouco das percepções do grupo pesquisado:

“Penso que alguns, os que têm mais interesse em inovar e buscar, outros ainda são bem acomodados”
(informante 05);

“Há uma preocupação relativa, porém, não há comprometimento em trabalhar no esclarecimento do problema e busca de solução” (informante 06);

“Preocupados com os problemas ambientais acredito que sim, mas preparados para desenvolver educação ambiental, não” (informante 10);

Perguntados se já conheciam Unidades de Conservação ou Áreas de Proteção Ambiental, tivemos aproximadamente 30% de abstenção em responder, e 35% dos professores afirmaram pouco ou nada conhecer. Alguns depoimentos permitem compreender as suas representações:

“Locais onde se mantém as características, ou seja, a fauna e a flora original. Nestes locais podem ocorrer estudos, desde que monitorados, a fim de manter a estrutura inicial” (informante 10);

“Pelo meu conhecimento é de suma importância que existam essas áreas de proteção ambiental pois, elas são responsáveis pelo patrimônio natural do mundo” (informante 13);

“Não tenho certeza, mas acho que são lugares que o homem ainda não agiu, ou seja, lugar natural, sem procedimentos humanos para devastá-los” (informante 14).

Talvez por desconhecimento 35% absteve-se de opinar sobre a relevância em se criar áreas protegidas, porém, 55% dos professores consideram relevante tal iniciativa, embora os motivos apareçam de forma difusa:

“Estamos aprendendo com os erros, percebemos que tudo tem sua importância no complexo sistema de vida” (informante 05);

“Desta maneira estaremos protegendo a natureza, enquanto a população não toma consciência da sua importância” (informante 06);

“Com a criação de áreas protegidas a natureza está sendo cuidada e está longe dos perigos da destruição causada pelo homem” (informante 13).

Preocupa a posição expressa em alguns depoimentos, quando de forma determinista deixam transparecer que a simples criação de Unidades de Conservação, por si só, soluciona a

questão da preservação da biodiversidade. Reforçam a dissociação “homem/natureza” e a necessidade de se proibir ao homem o agir no ambiente. Seria esta a função do processo educativo?

Qual é a educação ambiental que estamos fazendo? E qual é a educação ambiental que necessitamos?

Perguntados se conheciam o Parque Natural Municipal do Vale do Rio do Peixe, observamos que predomina o desconhecimento sobre a sua existência, e sobre sua importância no contexto regional. Aqui são lembradas como relevantes para o conhecimento das espécies aí existentes, as ações de pesquisa que vêm sendo desenvolvidas pelo Curso de Biologia (Unoesc-Joaçaba).

Tabela 4: Situação dos professores quanto ao conhecimento que têm do Parque Natural do Rio do Peixe

Situação	Quantidade	%
Conheço pelos meios de comunicação	10	50
Não conheço	6	30
Conheço por já tê-lo visitado	2	10
Desenvolvi ações educativas com alunos	2	10
TOTAL DE CITAÇÕES	20	100

Embora 53% dos professores não tenham respondido à pergunta sobre a importância do Parque para a Educação Ambiental, um dos propósitos dessa pesquisa é justamente articular a EA com o Parque, primeiramente por estar a escola instalada na sua área e, principalmente, pelo importante patrimônio natural do ecossistema de Araucárias aí existente.

Por constituir um espaço de possibilidades de aprendizagens, estudá-lo mais atentamente pode contribuir para que espécies sob risco de extinção sejam aí preservadas, como evidenciam alguns depoimentos:

“Apesar de trabalhar no Parque, não tive ainda a oportunidade de conhecê-lo e de observar a preservação” (informante 01);

“Muitas espécies que estão em extinção se encontram neste Parque e, com certeza continuarão por ser uma área de preservação, pois se as mesmas estivessem em áreas livres e nós pessoas que fazemos parte do meio, não tendo consciência, seriam extintas com certeza” (informante 03);

“É um local onde se conservam as características originais da biodiversidade. Considerando que as próximas gerações serão a chave para a mudança de pensamento ambiental, este Parque é de extrema importância, no sentido de que este dará base para os primeiros passos” (informante 13);

Como podemos observar, a EA ganha força enquanto possibilidade de reverter comportamentos danosos em relação ao meio ambiente. Será que podemos relegar às próximas gerações a chave “milagrosa” de solucionar os problemas que afligem as pessoas, e representam riscos para a humanidade?

Nossa geração será capaz de “enraizar” valores que estão ausentes no seu cotidiano? Será que perdemos a capacidade de alimentar algumas utopias que impliquem na criatividade e no potencial humano?

Na perspectiva de uma participação dinâmica, necessária às ações ambientais, perguntamos sobre o que estariam dispostos a fazer para ajudar na proteção do meio ambiente. Percebe-se uma grande disposição (80%) em reduzir o volume de resíduos, separar e reciclar o lixo, reduzir o consumo de água, participar de cursos de Educação Ambiental e proceder pesquisas a respeito. Supõem-se portanto, que desejam aperfeiçoar seus conhecimentos com vistas a adoção de posturas sustentáveis. Contamos com 55% de “pouco dispostos” a diminuir gastos com uso do automóvel e a pagar mais por alimentos sem agrotóxicos. Sobre a possibilidade de boicotar o uso de transgênicos, 47% abstiveram-se de responder essa questão. E, 33% afirmaram-se “nada dispostos” a pagar mais impostos para despoluir rios.

1.2- As práticas de educação ambiental dos professores

Tomando-se como referência o último ano de trabalho docente, buscou-se saber do envolvimento em ações relacionadas ao meio ambiente. Foram oferecidas três alternativas de resposta onde identificou-se uma propensão ao silêncio frente aos problemas ambientais evidenciados, e ao não envolvimento em ações de caráter comunitário (Tabela 5).

Tabela 5: Percentuais de envolvimento do grupo em ações relacionadas ao meio ambiente

AÇÕES	Pratiquei Regularmente %	Pratiquei Esporadicamente %	Não Pratiquei %
Diminuiu o consumo de água	73	20	7
Reciclei o meu próprio lixo	67	13	20
Relacionei temática ambiental nas minhas aulas	60	33	7
Desenvolvi projeto sobre meio ambiente	47	40	13
Deixei de adquirir produto por entender que ele prejudica o meio ambiente e a saúde humana	27	40	33
Participei de projetos ambientais na escola	20	53	27
Levei meus alunos ao Parque em passeios	13	47	40
Levei meus alunos ao Parque em estudos	13	34	53
Relacionei a temática “Unidade de Conservação” ou “Áreas Protegidas” aos conteúdos.	13	34	53
Diminui o uso do automóvel	6	47	47
Denunciei agressões ao meio ambiente	-	20	80
Contribui com entidades de defesa ambiental	-	33	67
Participei de projetos ambientais na comunidade	-	27	73

Quando perguntados se já haviam abordado a temática “Unidades de Conservação” em suas aulas, ou se já haviam levado seus alunos ao Parque em momentos de estudo, ambas as perguntas apresentam aproximadamente 50% de respostas negativas.

Constatou-se também, que as temáticas mais abordadas em suas aulas são: a água, o lixo e o ar. Coerentemente com os problemas relacionados ao ambiente regional, onde a poluição dos rios, do ar e o lixo somam 60% das indicações, constituindo-se portanto, nos principais problemas ambientais evidenciados na região, segundo esse grupo de professores.

Tabela 6: Temáticas ambientais mais frequentes em atividades com seus alunos

Temáticas	Frequência
Água	22%
Lixo	19%

Poluição e ar	14%
Queimadas, solos, pobreza, educação, vegetação e violência	13%
Energia	11%
Mata Atlântica, saneamento e população	9%
Amazônia, erosão, florestas e camada de ozônio	8%
Consumo e desenvolvimento sustentável	3%
Unidades de Conservação, desertos e oceanos	1%
Biomassas e radioatividade	0%

Perguntados sobre a temática que mais gosta de trabalhar em suas aulas, as temáticas: água, lixo, ar e poluição são predominantes, enquanto assuntos como “aquecimento global”, “camada de ozônio” e “solos” representam dificuldade quanto ao material didático, conhecimentos e estratégias de abordagem.

Considerações

Embora haja consenso de que a Educação Ambiental deve ser trabalhada de forma interdisciplinar, a defesa de uma disciplina evidencia uma visão fragmentada, e a ausência de comprometimento. Tal posicionamento é explicado pela ausência de formação, pela dificuldade de articulação com os conteúdos e pelo excesso destes, pela falta de tempo e, sobretudo, pela falta de material didático.

São apontados como programas de EA, caracterizados como exemplos de êxito a serem seguidos, a reciclagem e o reflorestamento. Tais afirmações suscitam uma reflexão mais detalhada, uma vez que estes constituem ações pontuais com ênfase no aspecto econômico, não caracterizando necessariamente uma proposta educativa.

Observa-se o predomínio de uma visão de ser humano dissociado da natureza, a qual é vista como recurso para o bem-estar das pessoas, em detrimento do sentido de pertencimento. Evidenciam a necessidade de estudos mais aprofundados para a compreensão dos princípios do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

A grande maioria dos professores (87%), aprova que a EA seja inserida na forma interdisciplinar, ou seja, tem-se um forte indicativo de que a EA ainda não é presente no processo educativo, pelo menos não o é efetivamente.

Considera-se importante aprofundar a compreensão sobre a forma mais adequada de articular a presença efetiva da EA no projeto político pedagógico da escola e dos educadores, nas ações, concepções e valores das diferentes disciplinas, de forma a impregnar-se no dia-a-dia da escola e das pessoas. Construir alternativas de formação e aperfeiçoar estratégias e possibilidades coerentes com essa proposta, constitui um dos grandes desafios da educação atual.

As respostas obtidas no entanto, consideram a importância do “processo educativo”, pela sensibilização para uma mudança de atitude em prol do meio ambiente. Ao salientar o potencial da educação, evidencia-se a importância do comprometimento de educadores protagonistas, sujeitos capazes de construir saberes e aprimorá-los, à medida que refletem sobre seus próprios fazeres educativos.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Perfil dos municípios brasileiros: meio ambiente**, Brasília: IBGE, 2002.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Formação de Educadoras(es) Ambientais**: por um Brasil educado e educando ambientalmente para a sustentabilidade. *Série Documentos Técnicos* – 8. Brasília: MMA/MEC, 2006.

DELORS, Jacques (Org). **Educação: Um tesouro a descobrir**. 4 ed. São Paulo: Cortez/Unesco/Mec, 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

GUERRA, Antonio Fernando Silveira & TAGLIEBER, José Erno. **A inserção da educação ambiental no currículo**: o olhar dos pesquisadores de um programa de mestrado em educação. **GE: Educação Ambiental** /n.22, Itajaí: UNIVALI, 2002.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RAIMUNDO, Mauro Guilherme. **Estudo do Processo de criação de uma Unidade de Conservação no Vale do Rio do Peixe**. Santa Catarina, 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) Fundação Universidade Regional de Blumenau, 2003.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. (Questões de Nossa Época) São Paulo: Cortez, 1995.

SATO, Michèle. Apaixonadamente pesquisadora em EA. In: **EDUCAÇÃO: teoria e prática**. Rio Claro, UNESP, v.9, n.16, jan-jun, p. 24-35, 2001.

SAUVÉ, L; ORELLANA, I.; QUALMAN, S. **La educación ambiental: una relación constructivista entre la escuela y la comunidad- guía de formación e intervención en educación ambiental**. Québec: EDAMAZ/ Université du Québec à Montreal Bibliothèque Nationale du Canadá. 2000.

TAGLIEBER, J. E.; GUERRA, A. F. S. A Dimensão Ambiental na Educação e as representações docentes. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE BIOLOGIA, 2002, São Paulo. **Coletânea**. do 8. Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia. São Paulo: FEUSP/EDUSP, 2002. v. CD ROM, 5p.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 4 ed. São Paulo: Cortez Ed. Associados, 1988.

TREVISOL, Joviles Vitorio. **A Educação Ambiental em uma Sociedade de Risco: Tarefas e desafios na construção da sustentabilidade**. Joaçaba: Edições Unoesc, 2003.